

Leia nossas pesquisas e notícias sobre COVID-19.

Propaganda



Uma pequena clínica na reserva indígena Waiapi, no estado do Amapá, no Brasil. A falta de assistência médica pode piorar o custo do COVID-19 entre as comunidades indígenas. GERD LUDWIG / COLEÇÃO DE IMAGENS GEOGRÁFICAS NACIONAIS







Para as comunidades indígenas do Brasil, a pandemia revive lembranças de pragas anteriores

Por **Ignacio Amigo** | 15 de abril de 2020 às 17:35

Ciência COVID-19 e Notícias Científicas do Centro de Notícias

[Torne-se um membro](#)

[Conecte-se](#) [ScienceMag.org](#)

      a história do Paiter Surui, a pandemia do COVID-19 parece familiar.

Os indígenas que habitam a fronteira dos estados brasileiros de Rondônia e Mato Grosso sofreram centenas de mortes por sarampo e outras doenças infecciosas nas décadas seguintes ao primeiro contato com não-indígenas em 1969. Os sobreviventes “já experimentaram o que está acontecendo hoje no mundo com o coronavírus”, diz Rubens Naraikoe Surui, um jovem líder indígena.

Relacionado

[A África do Sul aplina sua curva de coronavírus - e considera como aliviar as restrições](#)



[Acabar com os bloqueios por coronavírus será um processo perigoso de tentativa e erro](#)



[Veja toda a nossa cobertura do surto de coronavírus](#)

Agora, à medida que o número de casos de coronavírus aumenta no Brasil, o Pater Surui e outros povos indígenas temem que possam ser atingidos. Até o momento, sabe-se que 16 membros desses grupos tiveram infecções por COVID-19 e três morreram: um menino Yanomami de 15 anos, um homem Tikuna de 78 anos e uma mulher Kokama de 44 anos .






A região está madura para uma maior disseminação. O estado do Amazonas, onde estão as comunidades indígenas, atualmente tem o maior número de casos per capita no Brasil. Manaus, capital do estado, tem mais de 1500 casos confirmados e 106 mortes, e seu sistema de saúde está à beira do colapso, segundo as autoridades locais. Dois hospitais de emergência estão sendo construídos em uma corrida contra o tempo.

Embora as populações indígenas tenham sido devastadas pelo sarampo e outras doenças infecciosas no passado, a idéia de que elas são de alguma forma biologicamente mais vulneráveis a novas doenças é um mito, diz Carlos Coimbra, epidemiologista da Fundação Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro, especializado em doenças indígenas. saúde. "Não há base científica para apoiar isso", diz Coimbra. Sempre que um novo vírus entra em uma população "imunologicamente ingênua", como aconteceu com o sarampo e o Paiter Surui, ele se espalhou rapidamente. Hoje, as vacinas e o contato regular com pessoas não indígenas aumentaram a imunidade da população local indígena ao sarampo, gripe e outras doenças, diz Coimbra. O novo coronavírus, por outro lado, é novo no mundo inteiro.

Que poderia tornar essas populações extraordinariamente vulneráveis ao COVID-19 são outras

[Torne-se um membro](#)

[Conecte-se](#) [ScienceMag.org](#) 

     para proteger as comunidades. São Gabriel da Cachoeira, um município do noroeste do Amazonas que tem o maior número de indígenas do país, agora está fechado. As autoridades locais suspenderam todo o transporte de passageiros para a cidade de pouco mais de 40.000 pessoas, que só podem ser alcançadas de avião ou barco e, até o momento, nenhum caso COVID-19 foi registrado lá. "Estamos focando especificamente na prevenção. Nosso objetivo é ganhar tempo", afirma Marivelton Barroso, presidente da Federação de Organizações Indígenas do Rio Negro, que representa 23 etnias indígenas da região. Juntamente com outras organizações e órgãos governamentais, está distribuindo alimentos e outros itens básicos para aqueles que vivem nas comunidades rurais de São Gabriel da Cachoeira para incentivá-los a permanecer onde estão.

Paradas semelhantes estão acontecendo em territórios indígenas em todo o país. Nas terras indígenas Uru-Eu-Wau-Wau, no estado de Rondônia, apenas um número limitado de representantes dos serviços de saúde indígenas tem permissão para entrar e os moradores são convidados a permanecer em suas aldeias. A história pode incentivar os habitantes locais a levar a sério o conselho: na década de 1980, a população de Uru-Eu-Wau-Wau foi reduzida para menos da metade por doenças respiratórias transmitidas por pessoas não indígenas. O COVID-19 "pode ser fatal para nós", diz Bitate Uru Eu Wau Wau, coordenador da associação de Jupaú do povo Uru Eu Wau Wau.

A resposta mais ampla do Brasil ao surto de coronavírus tem sido confusa, na melhor das hipóteses. A maioria dos governadores e prefeitos estaduais decidiu seguir as recomendações da Organização Mundial de Saúde para reforçar o distanciamento social. Mas o presidente brasileiro Jair Bolsonaro subestimou repetidamente os riscos da pandemia e argumentou a favor do fim dos bloqueios. Essa posição o colocou em desacordo com o próprio ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, que apóia medidas de distanciamento semelhantes às implementadas na maioria dos países. A mídia brasileira especulou que Mandetta poderia ser demitido nos próximos dias.

O Congresso brasileiro aprovou recentemente um pacote de ajuda de emergência de 600 reais (US \$ 115) por mês por pessoa, para as populações mais vulneráveis. O dinheiro deve ajudar a cortar as comunidades indígenas, mas muitos temem que os pagamentos também ajudem a espalhar o COVID-19. Como outros subsídios federais, a ajuda só pode ser coletada nas cidades, forçando os indígenas a deixar suas aldeias e correndo o risco de serem infectados. Para evitar isso, a National Indian Foundation recomendará que as pessoas permaneçam em suas comunidades pelo maior tempo possível, porque o dinheiro estará disponível por 90 dias.

Apesar das preocupações, Elisângela da Silva, líder indígena da etnia Baré, vê um lado positivo: à medida que mais pessoas se preocupam em permanecer em segurança, algumas plantas e remédios tradicionais estão se tornando populares novamente. É claro que eles funcionam ainda, mas pelo menos "a pandemia está nos ajudando a resgatar nossas tradições", diz Silva.